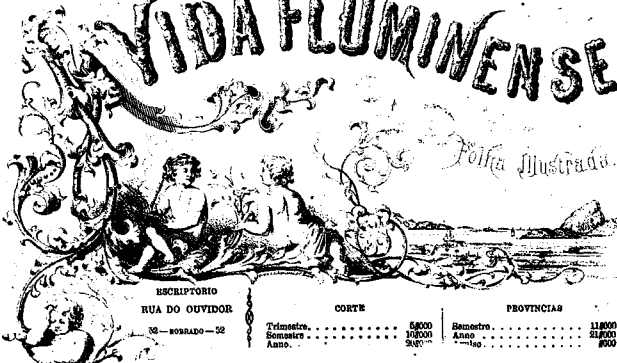


VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada.



ESCRITORIO RUA DO OUVIDOR	CORTE	PROVINCIA
32 — HORRADO — 32	Trimestre 5000	Semestre 11000
	Semestre 10000	Anno 21000
	Anno 20000	— tag 500



João Baptista Badaró.

(Vide o texto)

AVISO

Os Srs. assignantes que se acham quites com-nosco, e que ainda não receberam o supplemento da VISTA GERAL DO THEATRO DA GUERRA A VÔ DE PASSARO, queiram reclamar-o no escriptorio desta folha, apresentando seus recibos.

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1868.

Nosso distincto amigo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, de S. Paulo, obsequiou-nos com um retrato de João Baptista Badaró, feito pelo pintor italiano Hercules Florense, cuja effigie damos na primeira pagina do presente numero.

João Baptista Badaró, de origem italiana, naturalizando cidadão brasileiro, redactor do *Observador Constitucional*, foi assassinado no dia 21 de Novembro do anno de 1830, com um tiro de pistola às 7 horas da noite, ao entrar na casa de sua residencia na rua de S. José da cidade de S. Paulo.

Badaró apesar de professar a medicina, da qual tinha um titulo honroso, concedido por uma das universidades europeas, era tambem dado ao estudo das sciencias sociepes, que então começavam a desenvolver-se na Academia Juridica daquella cidade. As theorias do systema representativo lhe eram com-sinhas; a idea do governo do povo pelo povo merecia-lhe particular attenção; e a democracia era a sua religião, a liberdade o seu idolo, e ainda ao expirar, foi ella a sua derradeira lembrança—*Morre um liberal, mas não morre a liberdade!* palavras memorandas que ficaram eternas na memoria de todos os paulistas, de todos os brasileiros, e gravadas em sua lago sepulchral pela mão de numerosos amigos, por uma população inteira, que sabia apreciar as virtudes desse philosopho distincto, desse coração philanthropico, desse sincero das liberdades brasileiras. O seu assassinato, attribuido a causas politicas, deu lugar a commoções populares, que ameaçaram a segurança publica da capital da provincia de S. Paulo. O corpo academico, que em sua totalidade amigo particular do escriptor liberal, tomou activa parte nesses acontecimentos, que formam uma pagina importante da historia daquella provincia. O desembargador Japinasú foi injustamente apontado como o autor daquelle horrendo attentado, e como tal exposto ás iras de uma população hallucinada; o allemão Stockler, accusado como executor do assassinato, soffreu e soffreu muito no fundo de uma masmorra; nomes respeita-

veis foram levados de envolta nesse turbilhão de paixões desenfreadas; mas, a historia calma, fria e imparcial, fará um dia inteira justiça ás victimas de um erro fatal. O verdadeiro assassino do Dr. João Baptista Badaró morreu na miséria, em uma humilde cabana nas proximidades da cidade de Santos, despedido por todos, e curido de remorsos.

O espirito publico afflige-se com a demora da rendição de Humaitá, e chega a perguntar se não seria preferivel tomar de assalto a fortaleza, ainda perdendo algumas centenas de vidas, do que esperar que o inimigo se renda; porque essa espera importa uma grande despesa e não menor mortandade por epidemias.

Não digo que sim, nem que não. O espirito publico parece ter razão; mas o marechal Caxias lá está; vê de perto as cousas, e tem tanto interesse como nós, sendo mais, em ver concluida a guerra.

Portanto, se elle espera, é porque assim o deve fazer.

Este argumento não é tão de cabo de esquadra como se julga.

Parece fôr da duvida que o ministro americano pedio os seus passaportes.

Ah!

Mas não será ainda muito cedo para começar?

Calam não agredio tao de xofre. Engodou primeiro Abel com mentidas caricias, levou-o para longe de casa, para um lugar ermo, e ali traiçoiiramente levantou a clava e... *cliquiu-o.*

Venham primeiro os emigrantes em grande escola; aggringrem-se em qualquer provincia. Então sim!

Por enquanto parece-me cedo; arriescam-se muito a *espantar a caça.*

Os theatros jazem em pasmaceira.

O de S. Pedro reorganiza-se, planta-se e em Setembro abrirá suas portas ao publico.

O Eldorado prepara com *glan Os anjos do fogo*, drama original brasileiro.

O Gymnasio continúa a ensinar-se no *Cantão do mal*; e enquanto isto auctore as grandes endentas, que, conta, lhe proporcionão os oito actos de Bribar, vai enchendo a barriga com as lambugas do *Remorso Vico*; pelo que nutrem seus amigos a doce esperança de que não morrerá de indigentiço.

Assegurem ter a municipal resolvido que o Lyrico

fosso demolido; creio, porém, que isto não passará de resolução *provisória*.

O Alcazar annuncia a proxima partida da Aimée. Já veem que o publico, se não se diverte, é porque não quer

* *

Acabo de receber um pequeno volume, nitidamente impresso na typographia do *Diario do Rio*, e em cujo frontispicio vejo estas palavras:

LEITURAS PÔSTIVAS

CONTOS DA ROÇA

POR

Augusto Emilio Zaluar

Agradeço a offerta e prometto emitir proxima mente minha opinão a respeito da obra.

* *

Entre duas moças:

— Quem é aquella mulher?

— Não a conheces?

— Não.

— Pois é aquella de quem fallaste tanto mal hontem.

* *

Fomos igualmente obsequiados á ultima hora com um folheto e um volume, tambem impressos na typographia do *Diario do Rio*.

O folheto contém a biographia e retrato do finado tenente-coronel Guimarães Peixoto, um dos verdadeiros herdes da guerra que sustentamos contra o governo paraguayo.

A biographia é traçada com vigorosas côres; o estylo correcto e fluente. Sobre o retrato mudo direi, pela simples razão de ter sido desenhado e impresso na officina da *Vida Fluminense*. O publico que o avalia.

O volume contem o applaudido drama *Negocio da Família*, do intelligente artista-escriptor E. Barroso Pimentel.

Os que frequentaram o S. Januario e Gymnasio (no tempo em que este ultimo theatro procurava auxiliar a litteratura nacional) devem lembrar-se quantos applausos mereceu do publico o drama do Sr. Pimentel.

* *

Contaram-me isto:

Um morador de S. Gonçalo veio a Nitherohy buscar um medico para ver a quem de sua familia que se achava enfermo.

O pobre homem, muito afflicto, percorreu a cidade, e disse ao primeiro esculapio com que deparou:

— Ah! senhor doutor, estimei muito encontrar-o!

— Porque?

— Vossa Senhoria *quer ganhar* vinte mil réis?

— Não posso: esqueci-me do cesto em casa! respondem o doutor sorrindo.

* *

O *maestro* Sr. Gennaro Arnaud dá hoje na grande sala do Elyseu um sario musical, em que se farão ouvir suas discipulas de Nitherohy, executando diversas phantasias e peças de concerto a duas, quatro, seis e oito mãos, algumas arias e romanzas, finalizando a festa musical com o bellissimo e magestoso côro de Rossini *A caridade*, cantado por vinte e cinco seculoras, e acompanhado a dois pianos pelo maestro Sr. Achilles Arnaud e por um dos discipulos do Sr. Gennaro.

Depois do sario musical haverá sario dançante.

No sabbado proximo darei detalhada conta desta bellissima festa.

* *

A proposito deste sario musical, devo dizer que tal é a aversão que tem certa gente do Nitherohy de frequentar divertimentos em que se pague entrada, que houve mais de uma pessoa que recusou accitar o *bilhete de concert* que lhe foi mandado, pensando ser de beneficio.

Mas, quando souberem que era uma festa *gratuita*... fizeram empenho em ir.

Pazão incrível, mas é assim.

* *

PHYSICA DIVERTEIDA

EXORDIO

Tenho a grande virtude de não ler o que escrevo, nem escrever o que leio. Por isso não me lembro bem ao certo o que prometti no sabbado passado.

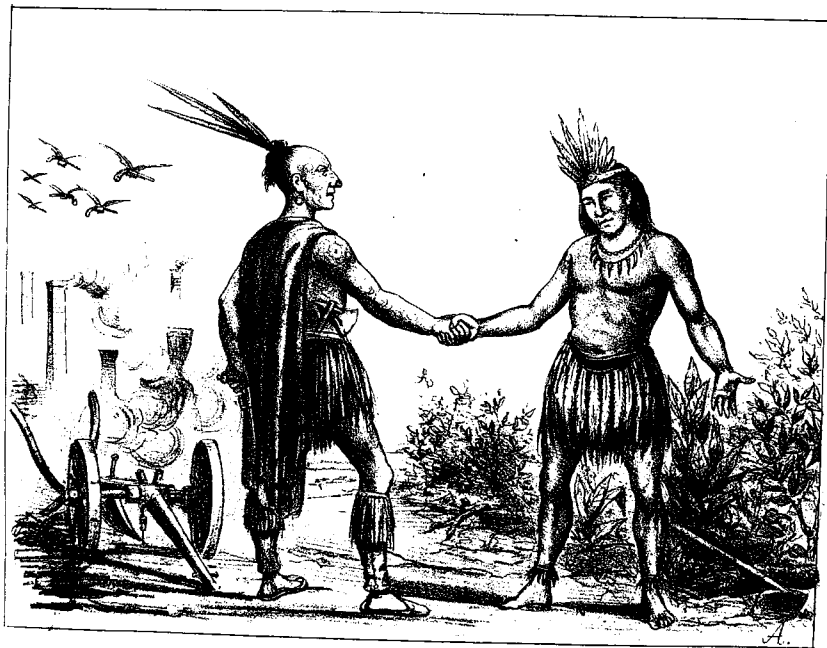
Sei sómente que contrahi o compromisso de proseguir nas encotadas *Noções de physica diercida*. Mas que thesors obriguei-me a explicar?

Oh! opus te laboris! como se diz em latim.

E, como não me lembro, arrisco-me muito a faltar a palavra dada; porém profiro isso ao disabor de *ler e reir* o que já escrevi, com receio de *treitar*... (Sinto que não tenhamos os verbos *quatroler* e *quintolter*. Como eu os aproveitaria bem agora!)

(Continúa na pagina 334.)

A VIDA FLUMINENSE



BRASIL E ESTADOS UNIDOS
OU OS DOIS IRMÃOS..... CAIN E ABEL.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHÉ

por Amédée Achard.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO XXIV.

O CONSELHO DOS QUATRO.

(Continuação.)

Reinaldo opinava que se devia ir ao alcance do mensageiro, desancal-o e enforcá-lo se não declarasse onde se occultava Thecla.

— Reconhecel-o-hias? perguntou Armando.

— Nem olhei para elle! Mas deve ter cara de muito patife!

— Com a bréca! Esta terra está ingada de tantões. Seria preciso desancar todo o mundo.

— Não seja esta a duvida!

Continuou por algum tempo o conselho. Discussio-se muito, mas não se resolveu nada. Magnus tinha-se retirado sem ser presequido. Carquefou ouvia sem fallar, porque sabia que sua intelligencia não estava na altura de sua dedicacão. Os minutos passavam rapidos. Reinaldo só pensava em queimar todos os castellos. Armando não sabia ao certo o que convinha fazer.

Via-se o desespero estampado no rosto de todos. Reinou um momento de silencio, durante o qual parou em frente de Armando e Reinaldo um homem que nenhum d'elles conhecia. Era um espadachim de estatura alta, bigodes ruivos, rosto bronzado e lavrado de cicatrizes, cabellos á escovinha, e vestido de gibão de velludo verde muito safofo, couraça e botas altas. Tinha a viscira abaixada.

— Meus senhores, (disse elle com um sotaque italiano) está-me parecido que vos prepareis para uma arriscada empreza. Talvez preciseis de mim; conheço a Alemanha, como se a tivesse feito. Quereis que vos acompanhe? Trata-se de raptar uma mulher, meu cavallo está ensillado! Trata-se de libertar um prisioneiro, eis minha espada. Ordenai!

— Bravo! Gosto do quem falla assim! (disse Reinaldo) Mas diz-nos primeiro como te chamam.

O espadachim levantou a viscira do capacete, que lhe encobria os olhos, e disse: «Magnus!»

Reinaldo e Armando soltaram um grito de espanto. Carquefou deu um pulo.

— Mas porque te diastayste assim?

— Para provar-vos que sei embicar os mais atilados. Estais realmente resoltos a libertar as minhas moças, cuncte o que custar?

— Sem duvida!

— Partiremos, pois, esta noite. Porém cada um de nos irá para seu lado, acrescentou Magnus.

— Para que separarmos-nos? perguntou Carquefou.

— Porque a honreza é mulherzinha contra quem são poucas todas as precauções. Juntos ella nos descobriá facilmente; separados, não. Demais vigiaremos quatro caminhos diferentes; é assim que se faz quando se quer caçar os animaes ferozes.

— Magnus tem razão! disse Armando.

— Tenho sempre razão. O que convém agora é escolher um ponto central, onde o que descobrir alguma coisa mande avisar os outros tres. N'esse ponto ficará um homem de confiança. Qualquer soldado, probo e fiel, serve para isto. Elle receberá instrucções uma vez por semana, nos domingos por exemplo. Ao primeiro signal reunir-nos-hemos; mas, se não houver tempo para avisar, cada um poderá qperar por si mesmo.

— Apoiado! bradou Reinaldo, levantando-se.

— A caminho! bradaram os outros.

Uma hora depois, seguiam os quatro por caminhos diferentes. Cada um da montado n'um pesante cavallo e com a bolsa bem recheada de dinheiro.

CAPÍTULO XXV.

VISITA DE WERTH.

Reinaldo do Chaufontaine não foi o unico que recebeu carta da baroneza. Ella expelliu tambem outro mensageiro com uma carta para João de Werth. Felizmente, não sabia a baroneza onde se achava o aventureiro capitão, pelo que podiam decorrer «muitos dias sem que elle soubesse o que acontecia em casa da sua desenhada allinda.

A baroneza alocou mil pretextos para reter as duas viajantes durante cinco dias. Finalmente, quando vio que não podia mais oppor embaraços, sem despertar desconfiança, declarou uma manha que sabia com certeza que a rainha havia voltado para Stralsund. N'esse mesmo dia Diana e Adrianna puzeram-se em marcha. A baroneza acompanhou-as pretextando não querer abandonar suas duas amigas se não em lugar seguro. O seqüito era formado por numerosos criados, escudeiros e homens de armas.

Na primeira pousada que tiveram adoeceu um dos Suecos da comitiva particular de Diana, e forçoso foi deixá-lo na hospellaria. Na noite seguinte adoeceu outro; um terceiro Sueco teve pouco depois a mesma sorte. Vendo isto, disse consigo mesmo o escudeiro de Diana:

— E' celebre! Nunca vi homens tão robustos ficarem repentinamente tão fracos!

Adrianna não podia furtar-se a uma certa preocupação, vendo que não só a escolha nunca ficava cada vez mais reduzida, quanto que o numero dos servidores da baroneza augmentava de dia para dia, como que tambem a epidemia só atacava a comitiva de Diana, deixando a de Thecla inculante. E communicou seus receios á sua prima; mas esta tinha sempre nos lábios palavras de animação.

Um dia o velho escudeiro, a quem o Sr. De Pardinhan tinha confiado a guarda das duas moças, chegou-se a Adrianna e Diana e disse:

— E' do meu dever declarar-vos que temos agora apenas quatro ou cinco homens validos da nossa gente. Estaes portanto, inteiramente á discreção da Sra. baroneza. Demais, tenho notado pelo exame das constellações boreaes que caminhamos para o sul, e Stralsund, para onde dizem que vaeis, fica para o norte. Se correis algum perigo, posso morrer, mas não salvar-vos.

Adrianna, não podendo conter-se mais, questionou resolutamente a baroneza, que respondeu:

— Não queria fallar-vos d'isso, porem, já que o exigis, dis-vos-hei que só procurei afastar-me de certas estradas, inundadas de malfiteiros. Demos uma volta grande; mas viajámos sem perigo. E agora venho comunicar-vos uma boa nova. Abraçai-me primeiro, e ficai sabendo que já podemos caminhar em linha recta para Stralsund. Só vos deixarei quando estiverdes no termo da viagem. Quão dolorosa será para mim a separação!

CAPITULO XXXVI

PARA LACHÉ, LACHÉ E MELO.

Reinaldo, Armando, Magnus e Carquefou tinham-se posto a caminhar por quatro direcções oppostas. Magnus seguiu a do sul, e, tal era seu empenho em sair-se bem da empresa, que questionava quantas viagens encontrava, examinava todos os carros, carretas e liteiras que passavam, tagarellava com todos os grupos de cavalleiros com que deparava ao longo da estrada, e pagava cerveja a todos os bofariabeiros, ciganos, mendigos e padres para obrigá-os a fallar e ver se assim collhia alguma informação. Se dormia n'uma estallagem seu primeiro cuidado era visitar todos os sponsetos, se podia hospitalidade n'um castello sabio, uma hora depois, os nomes dos hospedes que o haviam frequentado nos ultimos seis mezes. E como elle não ignorava que o vinho desembaraça muito a lingua, offerecia-lhes, quantidade a quantos tinham sede. D' esta maneira, e sempre com muita cautella, conseguia Mag-

nus collher alguns dados, que o orientaram sobre o caminho seguido pelas duas prisioneiras. N'uma manhã, vio elle chegar á hospedaria, em que tinha passado a noite, um mensageiro com o rosto ensanguentado, e montado n'um cavallo bastante estropeado. No primeiro relance d'olhos conheceu Magnus no braço do recém-chegado as armaz de João Werth e tanto bastou para que logo se dirigisse a elle e encostasse a palestra, dizendo:

— Que é isso camarada?

— Deixe-me! Estou desesperado! Tenho ainda quinze leguas a fazer e estou que não posso comigo. Maldito cavallo! exclamou o mensageiro dando tremendo murro na cabeça do pobre animal.

— Sua posição é critica, camarada, porque vejo que está ao serviço de um homem que não admite contratenpos!

— Principalmente n'uma missão de confiança. Tenho os minutos contados e ia muito bem, quando este maldito animal rodou e atirou-me de cabeça para baixo sobre um montão de pedras. Que contrariade! Faz-me perder vinte escudos de ouro! bradon o mensageiro, saltando-se n'um banco, exausto pelo sangue que perdera.

— Vinte escudos do ouro que lhe toria dado João de Werth e vinte outros que lhe daria naturalmente a baroneza d'Igromer, é perder muito! disse Magnus.

— Como sabeis? perguntou admirado o ferido.

— Estive ha oito dias ao serviço da baroneza (repliqu resolutamente Magnus) e bem vi a impaciencia com que ella espera essa resposta. Creio mesmo que em vez de vinte, seria a baroneza capaz de dar por ella cinquenta ou cem escudos.

— Cem!?

— Porque não! Quando se trata de duas prisioneiras como as Sras. de Pardinhan e de Souigny, todo o dinheiro é pouco!

— Chegar tão perto do fim e não alcançá-lo!

— Vamos; entre camaradas deve a gente ajudar-se. Quanto dá a quem se encarregar de salvá-o do embaraço?

— Dez escudos!

— Se dá vinte, fechamos o negocio! respondeu Magnus, que não queria que o mensageiro desconhasse, vendo-o ceder tão de prompto.

— E tudo o que a baroneza der será meu!

— Já feito! disse Magnus depois do hesitar um pouco.

O mensageiro tirou de dentro do gibão uma carta, quiz entregá-la, vacillou e perguntou: encarando Magnus:

— Quem me affiança tua boa fé?

— Ninguém. Não faço empenho em ir; se descon-

de mim o dito por não dito! respondeu com indiferença Magnus, retirando-se.

— Espere! Aqui está a carta e lembra-te que se a não entregares em tempo, terás que ajustar contas com João de Werth, cuja coleiça conheces.

— Descansa em mim. Agora, diz-me onde encontrarei a baroneza?

— Na vizinha aldeia de Burgstall, na hospedaria dos *Tres Reis*, onde ella fica até amanhã à noite.

— Amanhã de manhã já estarei, disse Magnus recebendo a carta e acrescentou: } Uma palavra mais, como te chamam?

— Karl Mayer.

— Bem! Verás como desempenho meu papel.

Magnus vinjou toda a noite. Por vezes teve impetos de abrir a carta para conhecer os projectos de João de Werth e frustal-os; mas sem carta como poderia elle apresentar-se à baroneza e fallar com as prisioneiras? Primeiro convinha saber onde estavam e tranquilisal-as; bastava salvá-las na hora do perigo. Assim pensando chegou Magnus pela manhã à hospedaria dos *Tres Reis*. Lendo a carta, não pôde Thérèse comprimir um movimento de alegria.

— Por ordem do lauto João de Werth ficas desde já ao meu serviço. Recurro-o da guarda de dois moços, que se obstinam em não seguir meus conselhos.

— Respondo por ellas.

— Como se chama?

— Karl Mayer.

— E' isso mesmo: e abaixando a voz Thérèse prosseguiu, sem fixar o olhar em Magnus: As duas moças andam acompanhadas por um esculheiro que tomas em não perdê-las de vista. Faga-lhe sentir que deve ausentar-se.

— Minha logica é convincente! respondem Magnus mostrando a espada.

— Já vejo que me comprehendes bem, e peço que empregues tambem tua logica contra quatro servidores que acompanhão o esculheiro e que são tão teimados como elle.

— E' immensa a força dos meus argumentos.

— Certo, Agora, quero apresental-as minhas duas amiguinhas.

Thérèse dirigio-se para o quarto das duas primas; Magnus acompanhou-a e teve a coragem de encerrar com indiferença as duas prisioneiras. Sabendo que o homem de tão feia estatura, que elles era apresentado, ia ser d'ora em diante seu esculheiro, Diana disse, carregando o sobrolho:

— Temos nosso esculheiro!

— Está muito velho; já não pode virar! respondeu a baroneza retirando-se.

Magnus, que a seguia de perto, passou diante de

Adrianna, poz um dedo sobre a boca impondo silencio, deixou calhar no chão um pedago de papel e sahio com a baroneza. Adrianna apañou o papel, abriu-o e abraçando sua prima disse com voz abafada:

— E' Magnus! Arrumando não deve estar longe?

— Nem tão pouco Reinaldo! murmurou Diana.

E ambas ajelharam e renderam graças à Providencia. Entretanto Magnus não estava satisfeito: a proxima presenca de João de Werth ao lado de Adrianna implicava um perigo, contra o qual convinha acutular-se com urgencia; demais contava apenas com quatro ou cinco auxiliares e tinha contra si grande numero de aguerriados aventureiros. Em tal caso, não devia empregar força senão no ultimo extremo; só a astucia podia valer-lhe. Estava assim preoccupado, quando ouviu o som de uma voz, que lhe não era desconhecida. Voltou-se e achou-se frente a frente com o honrado Frantz Krauss, que não via desde a noite em que foi por elle aggreddo e despojado do anel dado a Armado pelo conde Wasenborg.

— Como estás preoccupado, camarda! disse Frantz. Chamei-o duas vezes e não respondes!

— Desculpe-me; estava pensando na grande responsabilidade que pesa sobre meus hombros, e á qual não estou affeito. Sós sem duvida o homem da confiança da Sra. baroneza.

— E' como dizeis; e, se precisas de mim...

— Accito o favor. Dadas moças para guardar, não é pouco!

— Dons possarinhos! Prendem-se bem em qualquer graila!

Magnus estremeceu e fitou Frantz.

— Porque me encaras assim? disse Frantz.

— Tive um amigo que era seu retrato vivo! (apressou-se em responder Magnus). Se permittes, tomo a liberdade de perdê-lhe que venha puntillar meu jantar.

— De boa mente.

— Conhece algum recanto tranquillo, onde possamos conversar, comer e beber á vontade?

— Se conhece! Acompanha-me.

Instantes depois, chegaram os dois a um logar solitario de jardim, onde foi posta a mesa, que breve se cobrio de boas igrimas e garrafas de diversas formas e tamanhos. Começou a conversa; as garrafas formase esvasiando umas depois das outras; veio novo reforço de bebidas. Magnus e Frantz pareciam ser amigos desde a infancia. Frantz dava sua desconfiança todas as informações de que carecia Magnus; e quando este se reticou, duas horas depois, deixando aquelle deitado ebrio delixo da mesa, sabia quanto desajava saber. Sabia que João de Werth já camará força com Adrianna, e retirar-se depois com ella para

a Baviera; sabia que Diana também devia casar na mesma hora e lugar com um fidalgão alemão; sabia que a capella em que deviam ter lugar os dois casamentos era a do convento de S. Ruperto, escondida n'um bosque, distante quatro leguas; sabia que o nome do padre que devia unir os dois casaes era Hilarito; sabia, finalmente, que na manhã seguinte partiria a comitiva para o citado convento.

CAPITULO XXXVII

DRAMA INTERIOR.

No dia seguinte, pela volta do meio dia, poz-se toda a comitiva em marcha. A baroneza, sentindo-se incommodada, ia em liteira; Frantz cavalgava na frente da escolta; Magnus approxinou-se de Adrianna e disse a meia voz:

— E' preciso que a Sra de Pardailhan recomende a sua gente que me obedeça em tudo. Quando me virdes levantar o chapéo e bradar: *Maydeburg!* parti ambas a galope, sem olhar para traz.

Magnus montou a cavallo, com o rosto sereno; Adrianna estava um tanto pallida. E não trocaram mais uma só palavra, até o momento em que pararam á porta de uma especie de casa de cara, onde deviam pernolitar. Frantz, apontando um intenso bosque que se estendia a um dos lados da estrada, disse a Magnus:

— Lá está o bosque de S. Ruperto!

Na extrema do horizonte, onde se perdia a estrada, levantou-se uma nuvem de pó; Magnus mostrou-a á baroneza, e, voltando-se para Magnus, murmurou:

— Conversaremos hoje á noite com Frei Hilarito!

Magnus estremeceu. A nuvem approximava-se.

— São homens armados!... E' João de Werth! disse consigo mesmo Magnus, approximando-se do esceleiro de Diana, a quem perguntou a meia voz:

— Não lhe recomendarão nada?

— Ordenarum-me de obedecer-lhe.

— Bem! De dobrada razão nos seus cavallos; não durma e que tudo esteja prompto ao primeiro signal.

A baroneza occupava um aposento que dependia de um pavilhão isolado, e onde se entrava por uma porta que communicava com um jardim ornado de grandes arvores. Depois de verificar que o quarto da baroneza não tinha outra sahida, Magnus deitou-se á sombra de uma arvore, sem perder de vista a porta. Começava a escurecer e Frantz distribuia as agasalhas em torno da casa, quando um homem, embagado n'um capote, assomou no jardim. Um chapéo de abas largas e calças não lhe deixava ver o rosto; mas havia não sei que no andar que não illudiu

Magnus. Uma mulher veio receber o desconhecido no limiar da porta, e o introduziu silenciosamente no pavilhão.

— E' João de Werth! Ai das Sras. de Souvigny e de Pardailhan, se ainda estivessem aqui amanhã! disse Magnus.

Em um effeito João de Werth. A baroneza recebeu-o n'uma sala, cujas portas e janellas eram protegidas por espessas cortinas. Thecla estava vestida com o maior estremo a elegancia. Ao vê-la, João de Werth fascinado beijou-lhe a mão e disse:

— Sempre encantadora!

— Em qualquer outro lugar, ouvia com prazer seus galanteios (observou elle); mas aqui, tão perto do convento de São Ruperto, temos coiza mais para tratar. Está sempre disposto a casar com Adrianna de Souvigny?

— Sempre e mais do que nunca!

— Então, amanhã sereis unidos.

— E quanto vos ficareis eu devo! Proponho-me a um tempo a ventura para mim e a humilhação e o desespero para meu rival. Como posso eu retribuir-lhe tantos serviços?

— Espere; eu lh'o digo! Adrianna não está só; ha a seu lado outra prisioneira, Diana de Pardailhan.

— Já o sei.

— Ora, abomino tanto o Sr. de Chaufontaine, quanto abomino o Sr. De La Guerche. Dou-vos como esposa Adrianna; dai-me um de vossos laços para ser esposo de Diana.

— Um de meus laços? murmurou João de Werth com alguma indignação, e fitando o rosto de Thecla, ha pouco tão meigo e agora tão feroz.

— Oh, qualquer d'elles! Chamai-o-hemos conde ou marquez, como quizerdes, e Frei Hilarito, que tem de casar Adrianna, não será menos complacente com Diana.

— Vejo e admiro quanto pôde ser refiada a arte da vingança! Mas sa é preciso um lucro, porque não escolhe um dos seus. Receta, porventura, que queiram obedecer-lhe, tratando-se de uma moça tão bella, tão nobre e tão rica? Nem tão escrupulosos são elles!

A baroneza apoiou tranquillamente o queixo na palma da mão direita, e disse com voz lenta, prestando um olhar fascinador em João de Werth.

— E' porque careço de um cumplice.

— Ah! Um complice?

(Continúa.)

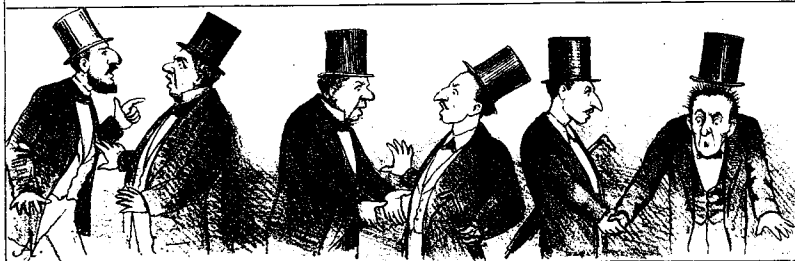
A VIDA FLUMINENSE



Como a agiotagem fabrica noticias falsas para fazer subir o valor do ouro.

Por esta carta que recebi do Sul, consta que morreram 500 brasileiros.

Por uma carta que vi consta que morreram 1000 brasileiros!!



Diz-me pessoa fidedigna ter lido uma carta que afirma a morte de 2000 brasileiros!!

Acabo de saber por pessoa bem informada que morreram 4000 brasileiros!!!

Assegurou-me um amigo respeitavel que é exacta a noticia da morte de 8000 brasileiros!!!!

QUEM CONTA UM CONTO ACCRESCENTA UM PONTO.

OUTRO ENORME

E uma, entre as muitas, razão que me'veia de consultar o artigo de subdado passado é: ter sabido que meu collaborador, Dr. Aquillo, abusando de minha ignorancia, fez-me dizer barbaridades physicas, que molestaram o amor proprio da sciencia em si e de alguns caracteres respeitaveis, taes como: o Cuatro Urso, a *Senana Lustrada* e os gullinhos do tres pernas.

E', porém, tão vehemente meu arrepenhimento, que protesto nunca mais ter collaboradores. O que importa o mesmo que dizer que estas *Notas de physica* *diversida* serão d'ora avante escriptas com toda a veridade e criterio.

Ora vejam.

Centro de gravidade

Todos os corpos têm um unico centro de gravidade. Os que dizem ter dous, mentem.

O centro de gravidade nos homens é entre a nuca e os torçesallos. Isto affirmo eu. O que não sei é qual o nome scientifico do ponto certo onde elle reside.

O centro de gravidade de qualquer luz é o pario; portanto, se alguém ouvir perguntar onde é o centro de gravidade de um individuo que se chame Luz, já sabe como-lhe de responder.

A esqna do peso, cabinte verticalmente sobre o centro de gravidade, estabelece o

Equilibrio

o qual pode ser: estável, instável e indifferente.

Equilibrio estável é o do ministerio, que, desviado de sua posicao equilibrada durante as horas de trabalho das camaras, volta sempre a ella, logo que se senta. Bacta e Silveira Lobo suspendem as sessões.

Equilibrio instável é o do pilo, enquanto conserva o pé sobre o chão.

Equilibrio indifferente é o da bola de bilhar, o do *Dr. Bacta*, que, sobre a agua, se de tudo emfim para não cair na sua posicao ainda que a gente o empurre.

Das machinas

A machina é uma trapalhada, cheia de rodas de madeira lambe-lambe.

Seu fim é aproveitar as forcas physicas dos corpos, para os entendidos. Eu cá entendo que seu fim é o mesmo onde ella acaba.

Havendo tres especies de machinas, por exemplo: a pneumática, a electrica, a de apunhar moscas, a de fazer café, a que sobe no ar nas noites de S. João. A pneumática serve para produzir o vacuo. Assim: uma arista do Alcazar é uma machina pneumática, porque produz o vacuo na carteira dos papalves; o

enjo no mar, porque produz o vacuo no estomago; o drama *Acté*, porque produz o vacuo na plateia etc.

A electrica é a que dá saudades na gente. Assim: um tilbury passando na rua do Rezende, o povo em dia de procissão, a fome, o cancan da Almoa, etc.

A de apunhar moscas é a que engoda os tolos. Assim: um candidato em vésperas de eleição, um alcapão, um annuncio das bichas-inocentes, os telegrammas da ultima hora, e o dia primeiro de Abril.

A de fazer café não-se define, explica-se. Ha varias machinas desta especie, entre ellas: o Braguinha, qualquer sacco de bacto ou pé de moia, e o cozinheiro do Carceller.

As que sobem ao ar em noite de S. João são como muitos dos nossos estadistas: sobem por não terem peso algum.

Quasi todas as machinas são a vapor.

Nota. O vapor é uma falda em ponto grande que navega entre Nictheroy e a Corte.

Algumas machinas a vapor tem rodas, outras tem helices.

Nota. Quantas especies de rodas ha, ignoro. As que conheço são estas: roda dentada, roda que faz o perú, roda que os homens fazem ás moças, roda que se faz na sua do vestido, roda viva, roda dos enjeitados, e roda das loterias.

As machinas a vapor tem pistão e tambor; mas não tem rabeca, nem fagete.

Finalmente as machinas a vapor são feitas para a agua, para a terra e para o ar.

Das primeiras já nos occupamos.

As segundas chamam-se locomotivas, e são tão originaes que carregam os cavallos que as empurram para diante. Não sei se me comprehendem.

A locomotiva pode ser dividida: um carro que solta um gruncho... e lá se vai!

As machinas feitas para o ar chamam-se aerostatos.

Mas esta invenção ainda está muito no ar. Continuarei... Se não parar aqui.

A. de C.

SERA SERIO?

Será serio? dizia o aspiroso folhista do *Jornal do Commercio*?

E muito serio! digo eu desta vez, com as indicações a honrar um couso de chupa com o scriptor anonymo do *rae de phantasmas* e *nozes* *folha* *diaria*.

Fechou-se o campo das duvidas. A realidade, ali

nos apparecem precedida do numero cortejo de circumstancias dolorosas, que seguem de perto as grandes calamidades publicas!

Está escripto em letra redonda; asseverado pelas mais robustas intelligencias em materia de « *gosses* »; discutido pelas mais altas capacidades em questões affectas no interesse geral.

A cidade vai cobrir-se de luto!..

Ha receios de sôria inundação de lagrimas: — os lenços brancos desapareceram das lojas, tal tem sido o consumo dado áquelle mercadoria pela gente, que pretende chorar: — as transações de café commença a resentir-se da pathia assustadora, que se manifesta na proximidade das grandes crises: — o cambio desce... desce tão precipitadamente que, de duas uma, ou quebra as pernas na descida, ou intermite por tal fórma nos abyssos insuportáveis do descredito que não haverá força humana assaz poderosa para dalli arruacal-o: — Hubert prepara um « *cri lamentable* » a que será publicado nos diversos idiomas de todos os paizs conheridos: — *Datelan* calcula as dimensões da tarja preta, destinada a perpetuar a memoria do infausto acontecimento: affirmam-se até que as quatro paginas do periodico francez serão nesse dia quatro bordes pretos, sem que um só artigo ou desenho venha *amenisar* as columnas do malizoso semanario: — os usuarios tremem diante do proximo desaparecimento da *estrella*, que tanta luz lhes fizera reflectir... nas algebeiras, e que tão poderoso incentivo fôr ao legal descontente de 80 e 90 %!... — o Molinho e o Farum fallam de fechar as portas: o hotel da *Princesa*, o *Proceraz*, o *Capelle*, o *Buen retiro* e outras baueas luxuosas escrevem aos seus correspondentes no estrangeiro sustanto a renuncia dos *palatiffs*, *aperçues* e *la seuer*, do *champigny*, *Clergue* e de outras extravagancias anti-estomacões tão reprovadas, pela medicina quinhentista: — Mlle. Muzet fecha o estabelecimento e recolhe-se no hospital da « Misericordia » sob as vestes de irmã de caridade: — o preço do nosso classico feijão preto sobe na proporção da descida do cambio, visto que muitos « *fanotas* », a para tornarem o luto mais completo, promettem alimentarem-se durante seis mezas com esse legume substantial e innocente: — o Sr. José Maria dos Reis trabalha com affluo na prompção de vidros pretos para adaptar a certa especie de *pince-nez*, offerecidos aos *double* mais obstinados na demonstração de um luto irreprehensivel; e até o Sr. Anestacin Planterio Quinta-feira, suggesto pretencioso e estrangeirado, que desde a sua volta de Paris só empregara gente branca em seu serviço, vai pôr os criados na rua, e substitui-os por dons negros bem escuros, para que vestidos litteralmente de preto, dêem no publico

uma prova evidente de quanto luto vai pôr aquella alma... sensivel e apaixonada.

No meio desta verdadeira conflagração ha apenas uma entidade que exulta com o desaparecimento do astro fulgurante.

E' a mulher casada.

Eu sei do algumas, que conservam ha muito tempo velas accensas diante das imagens de sua maior devoção, e que pedem fervorosamente á Providencia que leve, embora a salvamento, a causa de tão repetidas salidas do paquete, de tanta cên politica e de tantas sessões magnas nas lojas magnificas.

Além das velas gastas até hoje, são ainda tão importantes as promessas a cumprir que vem dahi talvez a notoria falsificação da cêra, negocio destinado a assumir grandes proporções, se attendermos a certos artiguinhos a pedido, publicados no *Jornal do Commercio*.

Estoure agora a bomba: corra de novo o pranto de uma população insensivel ausente do bello e desvaivada pelos requebros de um *caneau* sublimo, e digna-se ao leitor em quatro palavras a causa de tanta desolacão presente e futura.

Para isso basta recorrer á quarta pagina do *Jornal do Commercio*, na columna destinada aos annuncios de espectaculos; passar rapidamente a vista por cima daquelles escriptos na lingua de Camões, e ficar toda a attenção no unico redigido no idioma de Napoleão III.

Encontrará alli o leitor estas palavras fatuas:

« *Derrière representations de la Grande Duchesse à cause du départ de Mlle. Aîné.* »

Traduzido no pé da letra, quer isto dizer:

« Mlle. Aîné safou-se para Paris no dia 23 do corrente. »

A. DE A.

Perguntas enigmaticas.

Qual é a rosa que não deixa trabalhar na roça?

Qual é a marlinha que todos os homens tem, mais ou menos, e que ninguém pôde ver?

Qual é a parte do camello que sendo amorosa é útil á mãe?

Qual é a parte da musica que tem duas pontas?

Qual é o musculino que mais pisa o seu feminino?

Qual é o nome de familia que o leitor, quando pronunciado, afirma gostar de uma entrasula?

Quaes são os insectos cujos masculinos são muitas vezes feitos de palha secca?

Quaes são os discursos que são sempre feitos a mar-tello?



PANTHEON DA VIDA FLUMINENSE

N. 6.

Gonçalves Dias.